



BAUMAN: UMA BIOGRAFIA – A trajetória identitária de um intelectual

Rodrigo Koch¹

A obra *Bauman: uma biografia* (tradução do original *Bauman: a biography*, por Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020, 645 páginas) de autoria da socióloga Izabela Wagner, conta minuciosamente a trajetória de vida do sociólogo Zygmunt Bauman, desde seu nascimento em Poznan (Polônia, 1925) até sua morte em Leeds (Inglaterra, 2017). O livro que está dividido em Introdução, 15 Capítulos, Conclusão e Apêndice, e conta com um caderno de fotografias em seu miolo; traz uma descrição rica em detalhes de toda a vida de Bauman com vários depoimentos do próprio sociólogo e das pessoas que o cercavam: a esposa Janina, as filhas Anna, Lydia e Irena e alguns colegas professores e amigos mais próximos. Izabela Wagner é professora de sociologia no Collegium Civitas em Varsóvia (Polônia) e colaboradora do Institut Convergences Migrations em Paris (França) e do Bauman Institute na Universidade de Leeds. Nascida em Wolów (Polônia), ela mora atualmente na Sardenha (Itália) onde desenvolve pesquisas na área de estudos de migração forçada na Europa e atua em campos de refugiados. Na *Introdução*, a autora conta brevemente sobre um de seus primeiros encontros pessoais com Zygmunt Bauman, em uma palestra na Breslávia (Polônia), em 22 de junho de 2013, sob um clima tenso provocado por grupos nacionalistas xenofóbicos que já haviam garantido o cancelamento de outro evento dois meses antes.

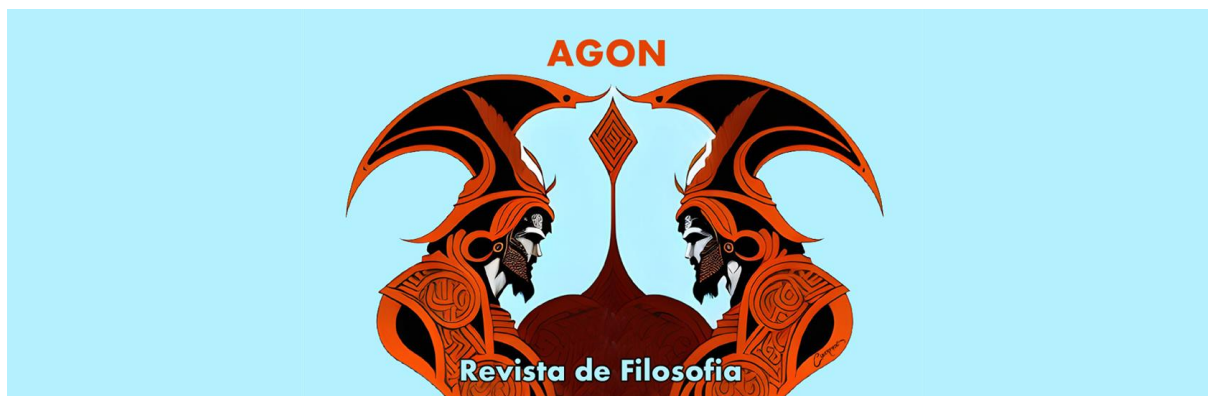
Nos primeiros capítulos (*1. Uma infância feliz “em tais circunstância” e 2. Um aluno como nenhum outro*) são descritos os primeiros anos de vida de Zygmunt Bauman em Poznan (1925-39), com as atividades infantis da rua e do bairro judeu no

¹ Pós-Doutor (Sociologia i Antropologia Social) pelo Institut Universitari de Creativitat i Innovacions Educatives de la Universitat de València, Doutor em Educação (Culturas Juvenis) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: prof.koch.rodrigo@gmail.com



qual vivia com a família – os pais e a irmã mais velha – e, sua difícil adaptação à escola. Poznan, no período entreguerras era uma cidade marcada pelo preconceito racial e extremamente segregadora. Bauman, apesar de ser um legítimo polonês de nascimento, mas devido a ascendência judaica de ambas famílias – ainda que as mesmas não fossem praticantes do judaísmo –, sofria discriminação na escola, tendo que sentar-se em um local específico na sala, chamado de banco do gueto. O pai, Maurycy, também sofria com situações semelhantes e por estas condições não teve êxito com seu negócio vindo à falência e tendo que se submeter à subempregos. Zofia, a mãe, tinha o dom de ser uma excelente cozinheira e, com isso conseguia garantir boa parte do sustento da família. Apesar de ser um ótimo aluno, Bauman nunca foi reconhecido desta forma pelos professores e pelas escolas por onde passou, tendo pouquíssimos amigos no ambiente educacional.

Os capítulos que seguem (3. *O destino de um refugiado de guerra*, 4. *O êxodo russo* e 5. *Guerra santa*) narram as peripécias e dificuldades para escapar dos campos de concentração e extermínio na Polônia, migrando para a Rússia. Neste período (1939-44) a família Bauman viveu em Molodeczno (Rússia) – onde Zygmunt finalmente conseguiu se integrar entre os demais alunos e, formar um grupo de jovens amigos –; e em Gorki (Rússia) – onde gozaram de uma breve estabilidade em certa medida, mas com inúmeros obstáculos para sobreviver. Em 1943, Bauman se alista e é treinado pelo Exército Vermelho, sendo destacado para a 4ª Divisão de Infantaria – um braço militar polonês, com fortes vínculos e influências soviéticas e responsável por disseminar a doutrina comunista na Polônia. Vale destacar que neste momento a nação materna dos Bauman já estava bastante dividida entre as ideologias do ocidente e do leste europeus. Zygmunt Bauman ocupava um posto de oficial político e, com a retomada de Varsóvia (Polônia) seria na capital do país que desenvolveria seu trabalho de ‘educador propagandista’ nos anos seguintes. O capítulo 6. *Oficial do Corpo de Segurança Interna* relata os anos que Bauman ainda seguiu carreira militar, porém



com muitos questionamentos pessoais e dúvidas sobre o comunismo. Bauman começava a adotar uma postura e crença em uma política menos opressiva e controladora, porém igualitária para todas as classes, etnias e religiões, ainda que o cenário do pós-guerra na Polônia remetesse e acentuasse os antigos movimentos xenofóbicos.

As adversidades encontradas pela nova família a qual Bauman acabou formando e agora pertencia – com Janina e a filha Ana – estão descritas no capítulo 7. *Um homem numa sociedade socialista*, período em que ele conheceu sua esposa, foi aluno da Academia de Ciências Políticas e viveu numa sociedade stalinista. No entanto, Bauman – que era funcionário do Exército – passou a ser visto como um inimigo interno e, constantemente era vigiado. Janina dominava vários idiomas e vinha de uma família de médicos respeitada em Varsóvia, ocupando cargo governamental na Cultura. Tinha acesso às produções cinematográficas ocidentais, pois em parte ela era uma das peças na engrenagem da censura soviética. Mas este momento foi breve, pois Bauman

[...] recebeu seu último pagamento do Exército em março de 1953 e, o salário de Janina cobria apenas as necessidades básicas. Mas, por outro lado, ele agora era livre: um missionário expulso de sua Igreja, descartado pelo sistema que ajudara a construir. (WAGNER, 2020, p.216)

Os capítulos seguintes (8. *Um jovem acadêmico* e 9. *Anos de esperança*) contam como Zygmunt Bauman construiu os alicerces de sua carreira de professor universitário. Especialmente no primeiro ano, – de acordo com uma anedota contada por anos – Bauman frequentava a Faculdade de Filosofia e Sociologia da Universidade de Varsóvia usando o antigo uniforme do exército, incluindo as botas e até uma pistola. Em 1953 este era um ambiente academicamente vibrante, permitindo à ele realizar com êxito o curso de graduação e posteriormente o mestrado, tendo rápida ascensão na carreira acadêmica e se filiando ao “círculo” do professor Julian Hochfeld. Com o



“degelo” do sistema comunista soviético – e a morte de Stálin – o contexto que envolveu a defesa de doutorado foi uma história longa, contada em detalhes pela autora Izabela Wagner. A partir deste momento na vida, Bauman passa a publicar artigos chamados – posteriormente – de revisionistas, no qual adotava um tom crítico ao regime soviético, apesar de nunca ter abandonado as ideologias e crenças socialistas. A sua formação e atuação inicial como catedrático ocorreu entre os anos de 1953-67, no qual também abriu as portas para o Ocidente, sendo frequentemente convidado para ministrar palestras em países próximos, mas ainda sob forte vigilância do governo polonês, ou seja, tendo permissão para deixar a nação, mas com o compromisso – e em parte também o dever – de relatar tudo que se passava nestas incursões. No entanto, seus relatórios eram de pouca valia, pois todos os passos dele em territórios estrangeiros eram controlados e, logicamente, Zygmunt nunca fez qualquer movimento contrário às políticas polonesas, mesmo sendo divergente de algumas delas. Bauman realizou seu período de pós-doutorado na London School of Economics e, viria a se tornar um professor extraordinário. Apesar de enfrentar situações constrangedoras e desagradáveis, Zygmunt desfrutava – neste período – de uma condição ímpar na sociedade polonesa e pôde, inclusive, fazer pequenas viagens com parte da família.

As fotos do miolo do livro, apresentam uma série de passagens da vida de Bauman, desde sua infância até seus últimos dias; com destaque para um retrato pintado pela filha Lydia, as medalhas recebidas por ele – a maioria fruto de sua atuação no Exército durante a Segunda Guerra Mundial – e, uma foto do casal Janina-Zygmunt em 1948. Os capítulos 10. *Um romance frustrado com a polícia de segurança* e 11. *O ano de 1968*, contam como uma série de pequenos episódios foram acirrando a relação dos Bauman com a Polônia, culminando com sua deserção. Neste momento da vida, Bauman já era classificado como um autêntico membro da oposição e, suas aulas e palestras eram constantemente vigiadas e relatadas aos órgãos fiscalizadores.



Considerado um infiltrado, ele teve sua vocação questionada e obteve sua promoção em condições lamentáveis. Para ele, em boa medida, não havia mais liberdade acadêmica. Novamente estava taxado como um judeu. O ano de 1968, desde as primeiras horas, já demonstravam um novo cenário de exclusão ao qual os judeus estavam vivendo em solo polonês, pois os tradicionais programas humorísticos de fim de ano – exibidos pela tv – traziam figuras judaicas caricatas para com as quais se exalava puro ódio. Um episódio destacado com detalhes neste capítulo são os eventos de 8 de março de 1968 e, suas produtividades nos meses seguintes. Com a divisão ideológica na universidade, e o aumento do discurso de ódio, – a partir da decisão de deixar o país – em 96 dias os Bauman estavam na estrada e fora da Polônia. No capítulo 12. *Terra Santa*, Wagner narra toda a saga da família até Israel. O diário de uma das filhas de Janina e Zygmunt, serve como base para a descrição.

Filha de treze anos de Zygmunt e Janina, Lydia Bauman escolheu esse título [“A grande viagem da família”] para o caderno de dezoito páginas que manteve consigo, descrevendo a viagem de três semanas da família de Varsóvia para Haifa. (WAGNER, 2020, p.361).

Passando dias muito agradáveis em Vienna (Áustria) e posteriormente embarcando em um navio nas proximidades de Veneza (Itália), cerca de 20 dias depois de sair de Varsóvia, a família Bauman chegou à Israel, onde se defrontariam com outra questão segregadora, pois eram considerados ‘estrangeiros entre estrangeiros’; ou seja, não eram israelenses – praticantes da religião judaica e muito menos dominantes do idioma hebraico – e tampouco poderiam ser considerados poloneses. Eram vistos como apátridas. Em busca de uma nova vida, Bauman foi nomeado em outubro de 1968 *professor ordinarius* no Departamento de Sociologia e Antropologia Social da Universidade de Tel Aviv e da Universidade de Haifa, mas se considerava um estranho em uma instituição estranha. O breve período em Israel separaria a família Bauman:

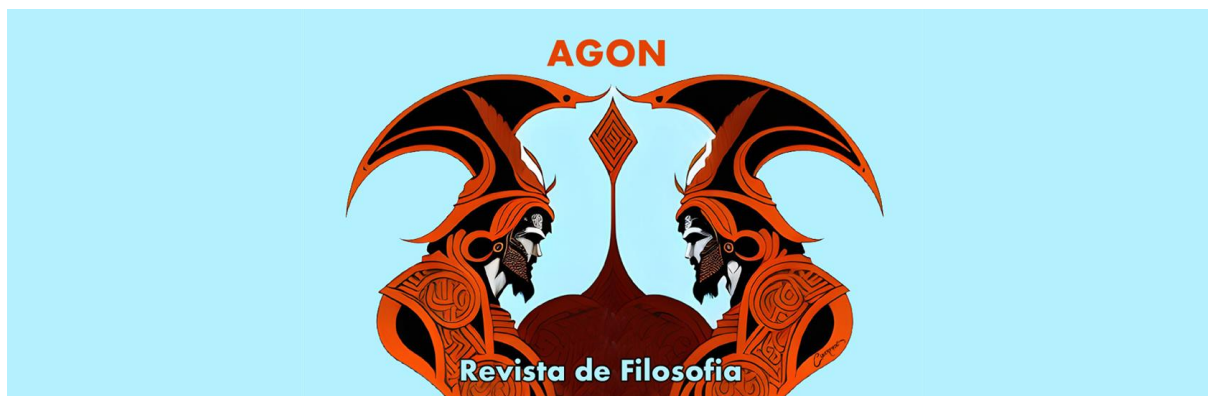


Anna permaneceu em Israel e as duas filhas mais novas foram para a Inglaterra. Quase cinquenta anos depois, numa discussão privada em Leeds sobre a crise migratória na Europa [...], Irena Bauman concluiu: “Então papai estava certo! O melhor lugar para um imigrante é o Reino Unido! Ele sempre disse isso!” (WAGNER, 2020, p.394)

No capítulo 13. *Um professor britânico*, a autora conta como foi a chegada da família em Leeds no início dos anos 1970 e, os percalços iniciais deste novo ambiente. Enquanto Bauman construía uma nova carreira acadêmica, as gêmeas Lydia e Irena e a esposa Janina enfrentaram dificuldades de adaptação à Inglaterra na primeira década. Ninguém teria saído de Varsóvia não fosse o crescimento dos movimentos antissemitas. Leeds era uma cidade industrial e, com sua universidade voltada para a formação de administradores, ou seja, o Departamento de Sociologia tinha menor destaque. Bauman foi para lá a convite para ocupar o posto de um professor que estava se aposentando e, pouco tempo depois se tornaria chefe deste departamento, algo que não lhe agradava pois reduzia bastante seu tempo para pesquisa e publicações, ocupando-o com tarefas burocráticas. Entre os novos orientandos de doutorado, Zygmunt Bauman acabou desenvolvendo uma relação muito íntima e fraternal com Keith Tester – um de seus alunos mais brilhantes. Os dois produziram trabalhos acadêmicos juntos e, Bauman designou Tester para ser seu biógrafo.

Tester certamente conhecia Bauman melhor do a maioria das pessoas que afirmavam conhecê-lo. Mas ele percebeu segredos e um tipo de impenetrabilidade em Bauman, e os respeitou desistindo de escrever sua biografia. Zygmunt Bauman faleceu em janeiro de 2017. Tester morreu inesperadamente dois anos depois. (WAGNER, 2020, p.419)

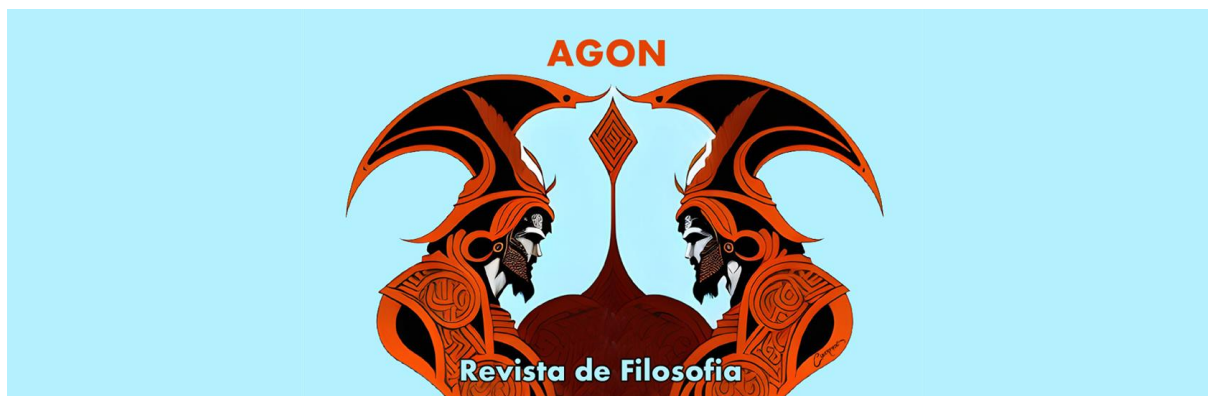
Nos capítulos finais (14. *Um intelectual no trabalho* e 15. *Pensador global*) são apresentadas as últimas décadas de existência de Zygmunt Bauman e sua profícua produção literária mesclada a sua vida íntima em Leeds. Apesar de poder escrever em russo e, também – com ajuda de Janina – em francês e hebraico, suas ideias



sociológicas eram formuladas em apenas dois idiomas: polonês e inglês – língua com a qual não tinha tanta familiaridade e para a qual precisava de bons editores que compreendessem suas teorias e tornassem as mesmas palatáveis aos jovens leitores. Praticamente toda a sua obra, a partir de 1991, quando se aposentou foi publicada pela Editora Polity, do amigo Anthony Giddens. Sua produção era intensa, chegando a publicar por vezes quatro livros por ano e, tendo em grande parte colaborações coloquiais – sendo a principal delas a da própria esposa – apesar de ter publicado pouquíssimos trabalhos em coautoria e nunca ter editado nada conjuntamente com Janina. Os hábitos domésticos de Bauman, envolviam receber muitos amigos em seu apartamento por várias horas, sendo contemplados com boa comida preparada pelo próprio Zygmunt que não renunciava a pratos a base de carne sempre acompanhados de vinho tinto (italianos, franceses, australianos, búlgaros ou chilenos).

A cozinha era de Zygmunt e nenhum convidado tinha permissão para ajudá-lo. [...] Bauman também servia a comida, trazendo pratos e trocando louças e copos de forma como se fazia nos grandes restaurantes. Lavava tudo sozinho e não aceitava ajuda. (WAGNER, 2020, p.449)

Se por um lado teve o amor permanente e incondicional de Janina por mais de 60 anos – em uma verdadeira fusão –, com sua pátria viveu um amor não correspondido. Apesar de ter atingido um reconhecimento mundial, principalmente na Itália, Brasil, Espanha e Portugal – tendo recebido títulos de doutorado honoris causa de diversas instituições de ensino superior e prêmios (o maior deles sendo o Prêmio Europeu Amalfi de Sociologia e Ciências Sociais pela obra *Modernidade e Holocausto*) –; na Polônia, quase no fim de sua vida, teve negada a condição de renovação de seu doutorado pela Universidade de Varsóvia, após uma série de episódios numa trama que envolvia intrigas, ressentimento e ciúmes de antigos colegas. Bauman era um inimigo imperfeito. Depois daquele episódio não queria mais pisar em solo polonês. O



capítulo final, também conta o doloroso período em que Zygmunt perdeu Janina por graves problemas de saúde do passado que afloraram após os 80 anos de vida de sua eterna companheira, que havia escolhido viver à sombra do – agora famoso e global – sociólogo. “Alguns meses após a morte de Janina, Bauman disse para as filhas: ‘Agora é uma questão de escolha: ou eu morro ou escolho a vida’. Ele escolheu a vida” (WAGNER, 2020, p.490). Quase dois anos depois, Zygmunt viria a compor um novo casal, com a ex-colega de doutorado Aleksandra Jasinska-Kania que também havia ficado viúva anos antes. Os dois passaram a compartilhar seus sofrimentos, nunca se casaram de fato (Bauman a apresentava como sua ‘companheira de vida’) e, dormiam em camas e quartos separados. No entanto, após um intenso período de depressão, Bauman voltou a ter alegria de dividir seus pensamentos e escritos e, cozinhar para alguém. Seu último ano, foi praticamente todo vivido na Itália – com um longo tempo em Cagliari, na Sardenha – país onde Bauman desenvolveu diálogos com outros pensadores que posteriormente foram transformados em livros. Ele dizia que os italianos eram o único povo feliz da Europa. Após a última comemoração natalina (2016) em Leeds, nas festividades da virada para 2017 Bauman afirmou que seria um ano curto e, de fato foi: ele morreu em 9 de janeiro.

Por fim, a *Conclusão* e o *Apêndice* apresentam reflexões finais da autora sobre a trajetória identitária de Zygmunt Bauman, além da descrição de seus próprios caminhos investigativos na construção da obra. Bauman teve uma infância cheia de perseguições antisemitas que alimentavam uma Polônia do período entreguerras, viveu uma juventude em fuga e por vezes militante durante boa parte da Segunda Guerra Mundial, um início de vida adulta sob rigorosa vigilância e permeado de incertezas e, depois – academicamente – teve três fases distintas: a polonesa, a britânica, e a global. A personagem principal, deste livro, nunca considerou ser digna de uma biografia e, tentou desencorajar Wagner por mais de uma vez da sua proposta biográfica. Os encontros com Bauman foram poucos e, a obra só pode ser concluída



graças à arquivos governamentais e familiares, recheados de depoimentos de amigos. Ele nunca quis carregar consigo a alcunha de guru, mas apesar disso acabou se tornando um guru contemporâneo para muitos de seus leitores. “Bauman não era um profeta. Era um acadêmico, um filósofo, um intelectual público. Este livro narra sua trajetória, e sua transformação, de ativista em pensador global.” (WAGNER, 2020, p.513)

Concluo esta resenha, recomendando fortemente a leitura da obra *Bauman: uma biografia* para aqueles que querem conhecer profundamente a vida deste sociólogo e, entender como se deu a construção identitária – através de processos diaspóricos pelos quais foi submetido – do criador do conceito da *Modernidade Líquida*, teoria pela qual Bauman ficou conhecido mundialmente e que gerou uma série de livros que articulam tal conceito com inúmeros temas pós-modernos e que estão se liquefazendo na contemporaneidade: relações de amor, de trabalho, capitalismo, educação, e consumo, entre outros. A história de Bauman, em boa medida, se mescla com a história moderna-contemporânea da Polônia e em partes da Europa. A leitura do livro de Izabela Wagner é bastante acessível e fluída, sendo esta biografia quase um romance.

REFERÊNCIA

WAGNER, Izabela. **Bauman: uma biografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.